

Márcia Santos Duarte de Oliveira

Antonio Lorenzo Dormal Calleja

Revisitando a temática sobre ‘línguas *pidgins* e crioulas’ à luz de línguas da América do Sul

Hoje, 19/04/21 às 10h, no canal de You Tube da ABRALIN

https://www.youtube.com/watch?v=zQPw_IDwhV0

Márcia Santos Duarte de Oliveira

USP/ CNPq

Antonio Lorenzo Dormal Calleja

USP (Doutorando)



ABRALIN AO VIVO

Revisitando a temática sobre 'línguas *pidgins* e crioulas'

à luz de línguas da América do Sul

- (1) Línguas crioulas: apresentação.
- (2) Línguas (*pidgins*) crioulas e a América do Sul.
- (3) O fenômeno do contato linguístico: o caso de um garimpo do Suriname

1. Línguas (*pidgins*) crioulas: apresentação



As primeiras sociedades crioulas do mundo Atlântico
google imagens: Cabo Verde fica a 4 horas do Brasil

1.1. Línguas (*pidgins*) e *crioulas* e a taxonomia do “Contato Linguístico”

Breve taxonomia do “Contato Linguístico”

(WINFORD, 2013: 22-25)

- ▶ Em Winford (2003: (1.5.)) – que baseia-se parcialmente em Thomason & Kaufman (1988: 50) –, atesta-se uma visão geral dos resultados apreendidos acerca de línguas em contato, divulgados na literatura da área. Winford (op cit) distingue três situações (categorias) em que as “línguas em contato” podem ser inseridas:
- ▶ manutenção da língua (language maintenance);
- ▶ mudança da língua (language shift);
- ▶ criação de novas línguas de contato - pidgins, crioulos e ‘mixed languages’ (“new” contact languages)

1.2. A visão tradicional da gênese de 'pidgins' e crioulos

(baseada em BAKKER, 2017, p. 6)

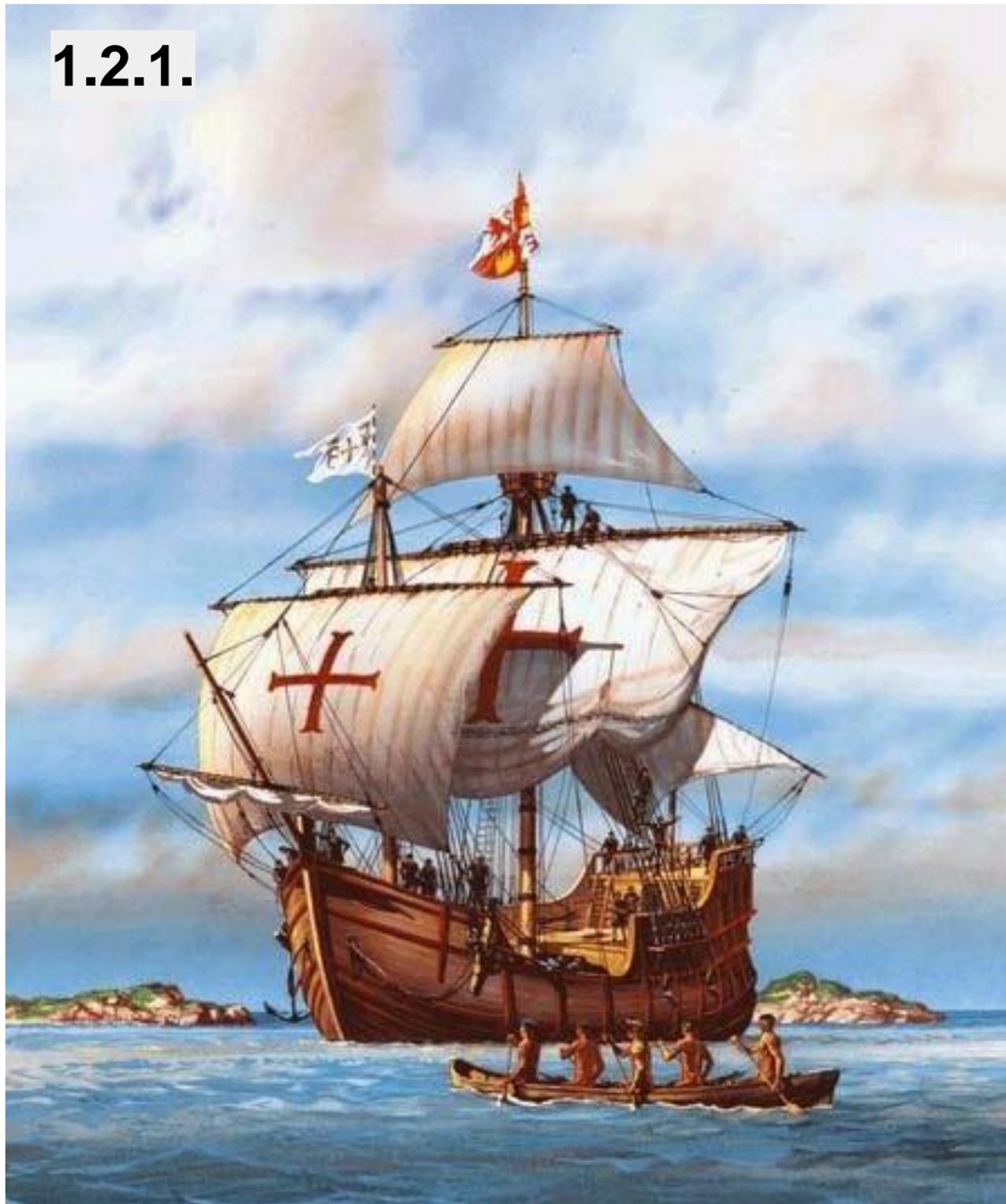
1. Situação de contato multilíngue: grupo de pessoas sem uma língua em comum, tentando se comunicar.

1.1. Línguas de contato 'emergenciais' são criadas: **jargões** – línguas individuais 'sem normas'.

2. Língua **pidgin**: grupo de pessoas que já mantém comunicação mais efetiva e sistematizada em área ampliada (essa língua não é língua materna de ninguém).

3. Língua **crioula**: grupos que se encontraram historicamente na situação (1) e que "criaram" uma nova língua (materna) que não é igual a nenhuma das línguas na situação de contato inicial.

1.2.1.



As grandes navegações a partir do século XVI e a chegada dos europeus à América em 1492.

As primeiras documentações de línguas crioulas datam dos séculos XVII e XVIII.

1.3. Em todos os estudos, os crioulos atlânticos são fortemente representados.

“Uma característica de todas as amostras existentes de crioulos é que [...] os crioulos atlânticos (i.e. os dos oeste da África e do Caribe) são fortemente representados.”

Michaelis (2020: 4)

- Línguas como o: jamaicano, saramaccan, sranan, haitiano, principense, guineense, caboverdiano – por exemplo – têm estado no centro das comparações e estudos. No entanto, outras línguas como o papiá kristang têm sido muito menos discutidas. Isso porque os crioulos atlânticos têm sido apresentados como “línguas crioulas prototípicas”.

Michaelis (2020: 4; o grifo é nosso)

1.3.1.

Table 1. Overrepresentation of Atlantic pidgins and creoles in comparative studies*

comparative creole studies	pidgin/creoles/ mixed lgs	Atlantic creoles	
Holm & Patrick 2007	18	12	67%
Parkvall 2008	31	18	58%
<i>eWAVE</i> 2011	26	17	65%
<i>APiCS</i> 2013	76	33	43%
Daval-Markussen 2018	64 ³	36	56%

*Bakker et al. (2011) used the samples by Holm & Patrick 2007 and Parkvall 2008, and thereby they inherited the overrepresentation of Atlantic creoles of these data sets.

Fonte: Michaelis (2020: 4)

1.4.

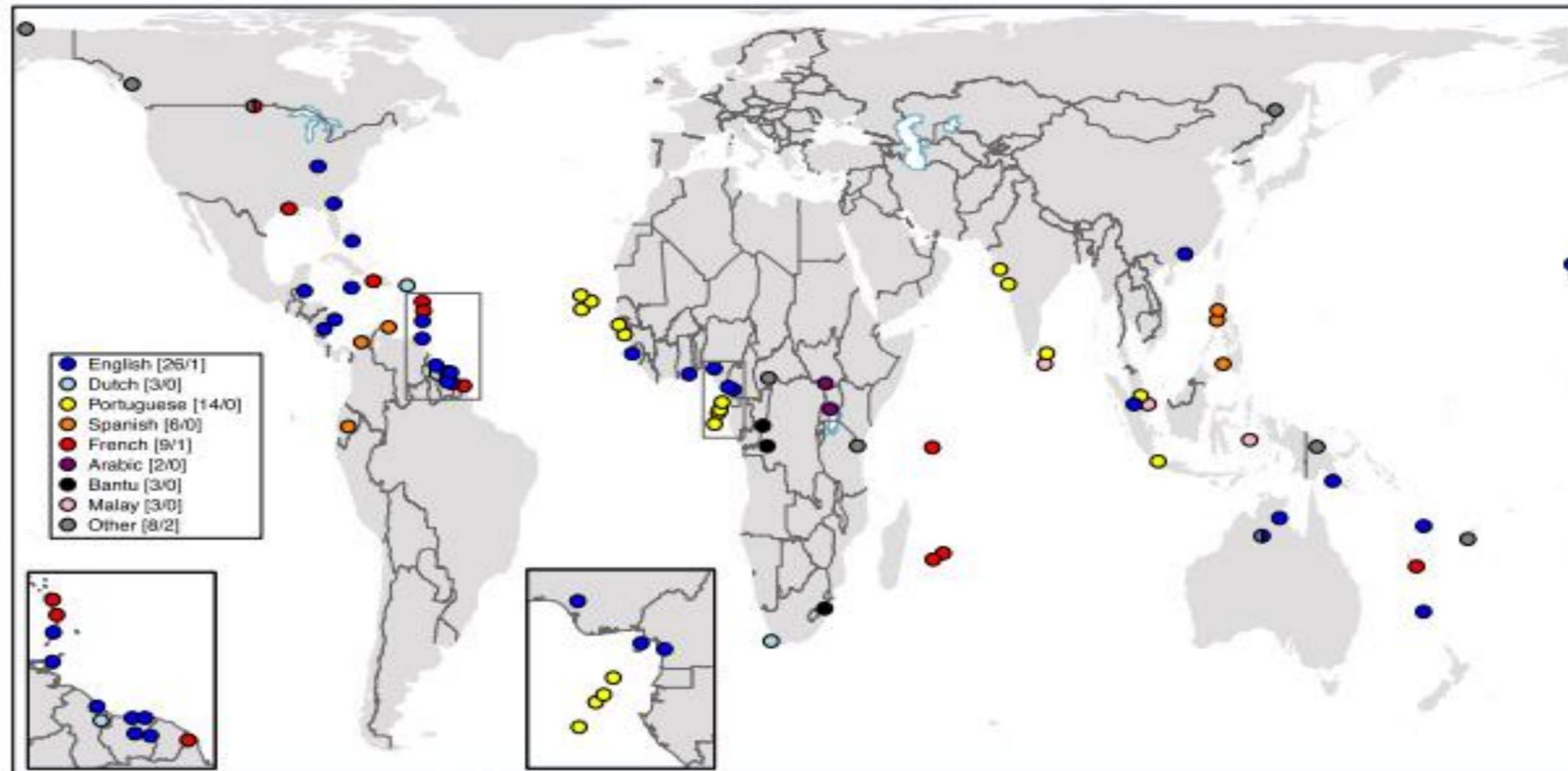


apics-online.info

APiCS – Michaelis *et al* (2013).

- Uma base de dados de comparação em larga escala de *pidgins* e crioulos.
- 76 línguas de contato de rede mundial são investigadas com respeito a 460 traços linguísticos.
- Sobre “traços linguísticos” de línguas crioulas, ver ainda Michaelis (2020).

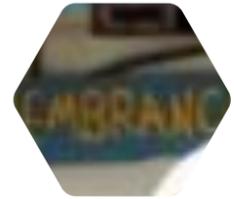
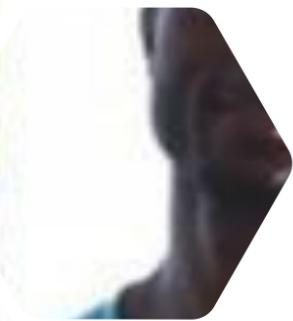
Map 2. 76 contact languages



Source: APiCS⁵

⁵

For space reasons, the labels of the languages cannot be given in this map and the subsequent maps. For a list of the languages, see *APiCS Online* <http://apics->



2. Línguas (*pidgns*) crioulas e a América do Sul



ABRALIN AO VIVO

2.1. A falta de conhecimento histórico de outras regiões do mundo por parte dos pesquisadores têm limitado o estudo das línguas crioulas.

Ver Smith (1994: 332)

- A América do Sul e seus possíveis inúmeros casos de línguas em contato tem sido negligenciada nos trabalhos linguísticos.
- É comum ouvirmos e lermos que: “no Brasil, não houve um processo de crioulização como o que se vê no Caribe e no Oeste da África” – de novo, a comparação de casos americanos com os chamados “crioulos prototípicos”.
- Nesta parte, apontaremos alguns exemplos de possíveis línguas crioulas na América do Sul.

2.2. O caso do 'palenquero' e de possíveis outros quilombos na América do Sul (centenas ainda a serem estudados)



2.2.1. A língua 'crioula' palenquero surgiu em um *quilombo*

(palenque) – San Basilio – no norte da Colômbia



❑ **Palenquero:** primeira língua quilombola da América (séc. XVII). Atesta elementos das línguas portuguesa, espanhola, línguas *bantu* da África (Kikongo e kimbundu) – Patiño Rosseli (1998), Lipski (2014).

❑ É chamada de língua crioula de base ibérica – Lipski (2011), (2014).

❑ Essa língua surgiu durante o século XVII quando grupos de africanos escravizados fugiram de Cartagena de Índias – principal porto de entrada de escravos na América 'espanhola' – para criar um 'palenque' (quilombo) no interior de Colômbia: Castro (2021).

❑ É possível que os primeiros moradores tivessem conhecimento da língua crioula que emergia na Ilha de São Tomé – Lipski (2014: 192).

2.3. Línguas indígenas que vêm sendo reclassificadas como línguas crioulas – o caso de kokoma/omagua



The screenshot shows the website 'POVOS INDÍGENAS NO BRASIL' with a search bar and navigation menu. The main content area features a large image of a woman with a fishing net, titled 'Kokama'. Below the image is a table with the following data:

Autodenominação	Onde estão	Quantos são	Família linguística
	AM	14314 (Siasi/Sesai, 2014)	Tupi-Guarani
	Colombia	236 (, 1988)	
	Peru	11370 (INEI, 2007)	

To the right of the table is a sidebar with the title 'KOKAMA' and a list of categories: Localização e população, Língua, História, A Irmandade da Santa Cruz, Organização social e cultura material, Cosmologia e xamanismo, Economia e ambiente, Fontes de informação, and VÍDEOS. There are also icons for 'Notícias deste povo', 'Terras habitadas', and 'Imprimir'.

Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kokama>

ABRALIN AO VIVO

☐ Segundo Cabral (1995), Cabral & Rodrigues (2003), e outros, a língua **kokama** ou **omagua**, classificada como Tupi-Guarani, é uma língua que deve ser analisada como “crioula”.

☐ Os **Kokama**, no Brasil, estão localizados em municípios do interior do estado do Amazonas. Também se encontram na amazônia peruana e colombiana.

☐ Cabral & Rodrigues (2003: 180) argumentam que essa língua pode ser, inclusive, classificada como um “crioulo abrupto” que surgiu sem o aparecimento prévio de um *pidgn*.

2.4. O caso da chamada ‘Língua Geral’ na América do Sul



Fonte: imagem google

ABRALIN AO VIVO

- A **Língua Geral** falada no Paraguai (ou “guarani crioulo”) – ver Rodrigues (1996: 9).
- A **Língua Geral** falada na Venezuela e Colômbia – ver Rodrigues (1996: 9), Navarro (2012: 245).
- A **Língua Geral** falada em São Paulo – ver Rodrigues (1996: 8-9).
- A **Língua Geral** falada no Amazonas – ver Rodrigues (1996: 9-10).
- A **Língua Geral** falada na Bahia – ver Argolo (2013).

2.4.1. A ‘Língua Geral’: uma língua de contato

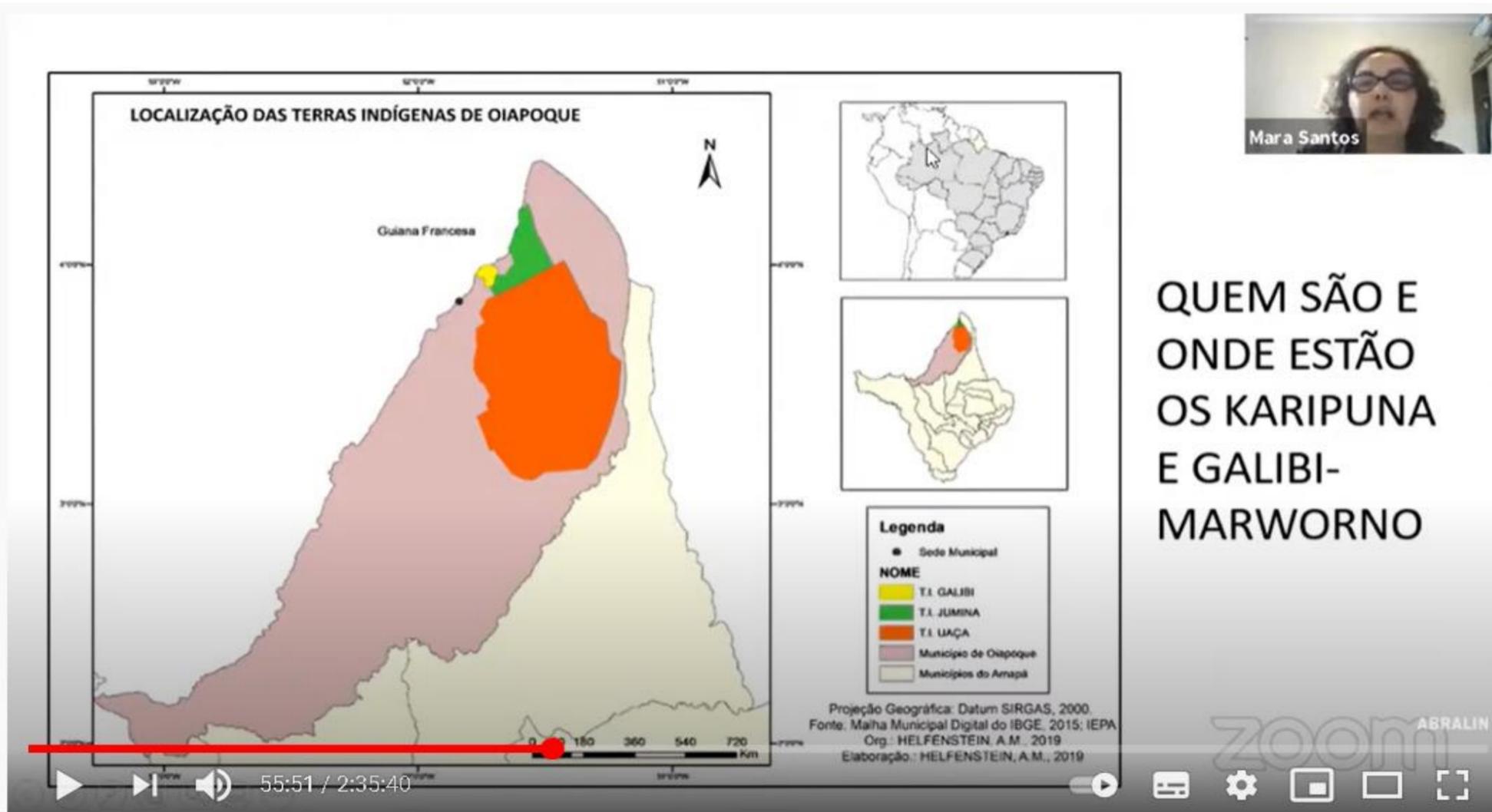
Quadro 1 – O *continuum pidgin-crioulo* “Tupinambá/ Língua Geral do Brasil”

Tupinambá 1: “*pidgin*” → Tupinambá 2: “*pidgin* estendido” – “Língua Brasileira” →

Língua Geral do Brasil: “língua crioula” – LG/ SP; LG/ Ba; LG/ Am.

Fonte: Oliveira, Zanoli & Módolo (2019: 329)

2.5. O kheuol: língua crioula do Oiapoque



Documentação de Línguas: novos caminhos da documentação de línguas dos povos originários

Fonte: ABRALIN AO VIVO, junho de 2020

Gelsama Mara Santos - UNIFAP

2.5.1. A(s) língua(s) crioula(s) do Oiapoque – o kheoul

MANUAL DE ESCRITA KHEUOL KARIPUNA

MãIË DJI EKHI
KHEUOL
KARIPUN

Projeto de Valorização das Línguas Crioulas do norte do Amapá

Zoom

1:11:26 / 2:35:40

Documentação de Línguas: novos caminhos da documentação de línguas dos povos originários

Fonte: ABRALIN AO VIVO, junho de 2020

Gelsama Mara Santos

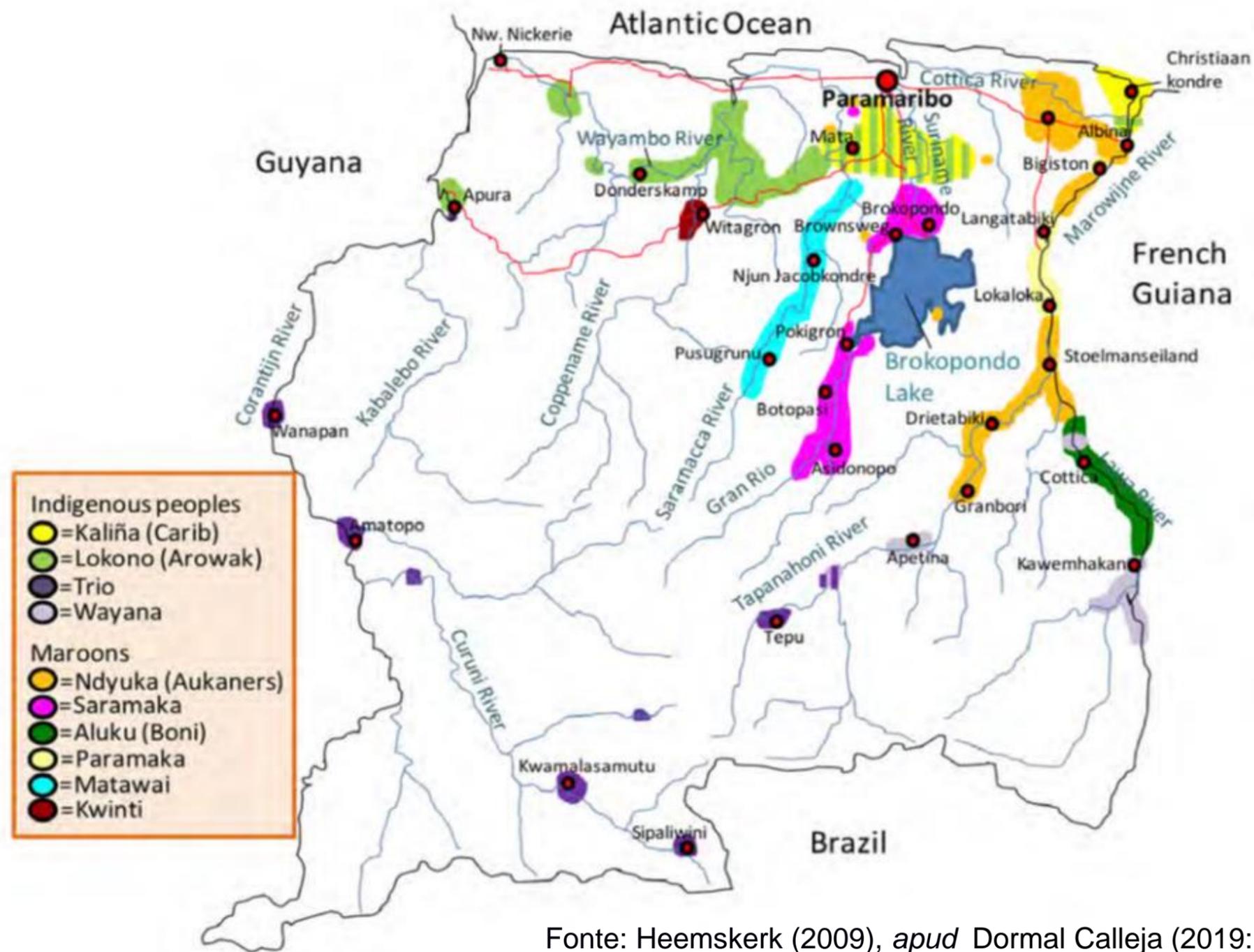


3. O fenômeno do contato linguístico:

O caso de um garimpo no Suriname: *Vila Brasil*

3.1. Suriname: um país plurilíngue

Dormal Calleja (2019)



Fonte: Heemskerk (2009), *apud* Dormal Calleja (2019: 52)



Fonte: Dormal Calleja, A.L. (2019)

ABRALIN AO VIVO

3.2. Movimentos migratórios recentes (pós-coloniais):

Dormal Calleja (2019)

- Finais da década de 1980, um número significativo de brasileiros tem emigrado para o Suriname à procura de ouro (Theije, 2007).
- Hoje, aproximadamente, 20.000 brasileiros residem no Suriname.
- Novos grupos de emigrantes de países vizinhos (Venezuela, Guiana Francesa e Guyana), de Cuba, República Dominicana e, também, da China têm chegado nos últimos anos (Theije 2007; Dormal Calleja 2019), incrementando o número de línguas faladas no Suriname.

Dormal Calleja (2020).

Belenzinho (Kleine Belen). Bairro com forte presença brasileira na capital do Suriname, Paramaribo



Fonte: Dormal Calleja (2019: anexos)

ABRALIN AO VIVO

3.3. O português falado no Suriname (PFS): Paramaribo

Dormal Calleja (2019)

- A maioria dos brasileiros são da região norte de Brasil. Muitos já tem famílias nascidas no Suriname. Quase todos compreendem o sranantongo, mas nem todos o falam. Só (ou quase só) os que nasceram no país falam holandês.
- No bairro brasileiro, os comerciantes chineses e os taxistas surinameses falam um português ‘quebrado’, alguns, sem embargo, falam português com fluidez.
- A maioria dos entrevistados para a pesquisa de Dormal (2019) eram residentes no Suriname há mais de 10 anos; falam o português ‘brasileiro’, mas já se atestaram “interferências” de línguas crioulas nessa variedade. – Dormal Calleja (2019: 98-144).
- Dormal Calleja (2019) conclui que o PFS encontra-se num estado inicial de “convergência”, segundo a taxonomia de Winford (2003: 9-10).

Dormal Calleja (2019: 96-144)

3.4. A Língua do Garimpo no Suriname (LGS): o caso de Vila Brasil - Dormal Calleja (2020)

- O garimpo (ou corruptela) Vila Brasil (VB) é uma comunidade garimpeira que se iniciou como assentamento em 1986. Está localizada no Estado de Sipalawini.
- Toda a economia de VB gira em torno da extração de ouro no garimpo.
- Neste contexto social/linguístico, o português do Brasil e as línguas crioulas locais (matawai e saramaccans) assim como o sranantongo são usadas para as diversas interações entre os moradores. Isso tem gerado o surgimento de **um novo código linguístico**.





Questões sobre a comunidade Vila Brasil:

- Qual é a situação linguística em VB?
- Há alguma língua franca que está sendo 'nativizada' em VB?
- Qual é a influência das línguas do Suriname e das línguas dos imigrantes na comunidade?

Exemplo 1: diálogo entre um garimpeiro brasileiro e uma atendente chinesa.

(1) *Mi mira o a bagagem mas mi no yu. Pensar a mi no sabi so **noutro** chines*

Eu olhar o a mercadoria mas eu não você. Pensar a eu não só no outro chinês.

‘Eu olhei a mercadoria, mas não vi na sua (o que procurava). Eu pensei, eu não sei, tal vez foi no outro chinês (na outra loja chinesa).’

(2) *Mi sabi. Ei, mi na luku. Mi teki, na belen, tu não paga nada. Tu (2) dei, tamara, tra-tamara, mi belen man na foto. Mi teki a Yu kon*

Eu sei. Ei, (escuta!) Eu ser olhar. Eu pego, ser chamar, você não paga nada. Dois dias, amanhã, após amanhã, eu chamar homem na cidade. Eu pego ele (objeto da compra) você vem.

‘Eu sei, ai! Eu vou olhar. Eu recebendo, eu te ligo (pelo celular), você não paga (adiantado). (Me da) Em dois dias, amanhã, após de amanhã, Eu chamarei o homem na cidade. Assim que eu receber você vem e pega’.

Neste exemplo pode-se observar traços das seguintes línguas:

- Sranantongo (*mi, so, luku, teki, tamara, tra tamara, foto, na, yu, kon, no, tog, ferstan*)
- Saramaccan (*sabi, nechi, aki*)
- Português do Brasil (*mas, pensar, tu, não, paga, nada*)
- Espanhol (*mira, tú*).

Dormal Calleja (2020)

Exemplo 2 (pesquisa de campo 2020): tarefa de elicitación com uma pessoa da comunidade matawai.

(3) *Mi wakawaka, mi nechi **tem que dormi** so. Mi no **dormi**, aki tog. Yu ferstan?*

Eu caminhada, eu noite tem que dormir então. Eu não durmo, aqui certo. Você entender?

‘Eu caminhei muito, a noite eu tenho que dormir, então. Eu não posso dormir aqui, ainda (indicando com a mão). Você entende?’

Nesta elicitación pode-se observar traços das seguintes línguas:

- Sranantongo (*mi, wakawaka, no, tog, yu, ferstan*)
- Saramaccan (*nechi, aki*)
- Português do Brasil (*tem, que*)
- Espanhol (*dormi?*).

Mais pesquisas de campo sobre o surgimento deste novo código linguístico são necessárias. O estudo na comunidade VB oferece uma oportunidade especial para o estudo de línguas em contato.

Referências Bibliográficas

Argolo, W. 2013. Colonização e língua geral: o caso do sul da Bahia. *PAPIA* 23(1), 75-96.

(APiCS) Michaelis, S. M., Maurer, P., Haspelmath, M., Huber M. (eds.). 2013. **The Atlas of Pidgin and Creole Language Structures**. Oxford: Oxford University Press.

(eWAVE) Kortmann, B., Lunkenheimer, K., Ehret, K. (eds.) 2020. **The Electronic World Atlas of Varieties of English**. Zenodo. Disponível em://ewave-atlas.org. Acesso em 05/04/2021.

Arends, J.; Muysken, P.; Smith, N. 1994. **Pidgins and Creoles: An Introduction**. Philadelphia, USA: John Benjamins.

Bakker, P. 2017. Key concepts in the history of creole studies. In Bakker, P. et al. (eds.). **Creole Studies –Phylogenetic Approaches**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, p. 5-34.

Bonvini, E. 2008. Línguas africanas e português falado no Brasil. In Fiorin, J.L.; Petter, M. M. T. (orgs.). **África no Brasil – a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, p. 15-62.

Cabral, A. S. A. C. 1995. **Contact-Induced language change in the Western Amazon: the non-genetic origin of the Kokama language**. University of Pittsburg (Tese de Doutorado).

Cabral, A. S. A. C.; Rodrigues, A. D. 2003. Evidências de crioulização abrupta em Kokáma?. *Papia* 13 (1), p. 180-186.

Castro, L. 2021. Instituto Caro y Cuervo. Disponível em: <https://lenguasdecolombia.caroycuervo.gov.co/contenido/Lenguas-criollas/Ficha-de-lengua/contenido/17&#s>. Acesso em 15/03/2021.

Daval-Markussen, Aymeric. 2018. **Reconstructing creole**. Doctoral thesis, University of Aarhus.

Dormal Calleja, A. L. 2017. **A linguística de contato no espanhol da América: o caso do palenquero, Colômbia**. Trabalho apresentado no: 1º. Seminário de Professores de Espanhol”. Instituto Federal de São Paulo.

Dormal Calleja, A. L. 2019. **O português falado no Suriname (PFS): um estudo inicial sobre a fala espontânea de brasileiros em Paramaribo**. Universidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado. Disponível em: https://teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=14&Itemid=161&lang=pt-br&id=E7A3AF3FE19E. Acesso em 12 de março de 2021.

Dormal Calleja, A. L. 2020. **A situação multilíngue dos garimpeiros brasileiros na amazônia surinamesa**. Projeto de Doutorado. Universidade de São Paulo.

Holm, J.; Patrick, P. L. (eds.) 2007. **Comparative Creole Syntax. Parallel Outlines of 18 Creole Grammars**. Battlebridge Publications.

Heemskerk, M. **Demarcation of indigenous and maroon lands in Suriname**. Report commissioned by the Gordon and Betty Moore Foundation and Amazon Conservation Team Suriname. (2009). Disponível em <http://mariekeheemskerk.org/Reports/Demarcation_final_May_2009.pdf>.

Kihm, A. 1994. **Kriyol syntax: the Portuguese-based Creole language of Guinea-Bissau**. Amsterdam, the Netherlands: John Benjamins.

Lipski, J. M. 2011. **El español de América**. Madrid: Ediciones Cátedra.

Lipski, J. M. 2014. La lengua Palenquera juvenil: contacto y conflicto de estructuras gramaticales. In **Universos: revista de lenguas indígenas y universos culturales**, 1, p. 191 – 207.

Michaelis, S. M. 2020. Avoiding bias in comparative creole studies: Stratification by lexifier and substrate. Isogloss. **Open Journal of Romance Linguistics** 6/ 8, p. 1-35.

Navarro, E. 2012. O último refúgio da língua geral no Brasil. **Estudos Avançados** 26(76), p. 245-254. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-40142012000300024>. Acesso em 10/02/2021.

Oliveira, M. S. D.; Zanolli, M. de L.; Módolo, M. 2019. O conceito de “Língua Geral do Brasil” revisitado à luz da linguística de contato. **Journal of ibero-romance creoles**, 9, 306-333.

Patiño Rosseli, C. 1998. Relaciones de Contacto del Criollo Palenquero de Colombia. En **Forma y Función** 11, p. 77-101. Universidad Nacional de Colombia.

Pagotto, E. 2007. Crioulo sim, crioulo não: uma agenda de problemas. In Castilho, A. et al (orgs.). **Português Brasileiro: descrição, história e aquisição**. Campinas: Pontes, p. 461-482.

Parkvall, M. 2008. The simplicity of creoles in a cross-linguistic perspective. In Miestamo, Sinnemäki & Karlsson (eds). **Language Complexity: Typology, Contact, Change** [Studies in Language Companion Series 94]. Amsterdam: John Benjamins, p. 265–285.

Rodrigues, A. 1996. As línguas gerais sul-americanas. **PAPIA** 2(4), p. 6-18.

Smith, N. 1984. Na annotated list of creoles, pidgnis, and mixed languages. In Arends, J.; Muysken, P.; Smith, N. (eds.). **Pidgins and Creoles: An Introduction**, p. 331-374. Philadelphia, USA: John Benjamins.

Theije, M. 2007. Insegurança próspera: as vidas dos migrantes brasileiros no Suriname. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 11, volumen 18 (1): 71-93.

Thomason, S.; Kaufman, T. 1988. **Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics**. Berkeley, CA: University of California Press.

Winford, D. **An Introduction to Contact Linguistics**. Malden: Blackwell Publishing. 2003.



ABRALIN AO VIVO



AOVIVO.ABRALIN.ORG

linguists online